

O SABOR DO *RE-VIVER*: O JOGO ENTRE ÍNDICES ESPECÍFICOS E PROCEDIMENTOS ACESSÓRIOS

Vera Helena Dentee de MELLO⁸⁶

Cláudia Redecker SCHWABE⁸⁷

Jorama de Quadros STEIN⁸⁸

Resumo: Neste texto, apresentamos um estudo enunciativo sob a perspectiva de Benveniste, que tem por objetivo responder ao questionamento: que efeitos de sentido a sintagmatização promovida pelo *scripteur* provoca? Ao analisarmos uma crônica de Rubem Alves, olhamos para os instrumentos linguísticos (índices específicos e procedimentos acessórios) mobilizados pelo locutor quando põe a língua em funcionamento. É através desse agenciamento que há a emergência da (inter)subjetividade. O sentido se concretiza na relação que aquele que escreve estabelece com aquele que lê. Assim, ainda que o texto seja o produto de uma enunciação, resta nele uma vida, um sabor singular, que o leitor pode desvelar.

Palavras-chave: Enunciação. (Inter)subjetividade. Sintagmatização. Sentido.

Abstract: *In this text, which is an enunciative study from Benveniste perspective, we have the objective of answering the question: what effects of sense are mobilized by the sintagmatization promoted by the scripteur? Analyzing a text from Rubem Alves, we look at the mobilization and at the arrangement between specific index and accessory procedures. This arrangement shows the (inter)subjectivity. The sense takes form in the relation established among the one who writes and the one who reads. So, although the text is the product of the enunciation, there is a life inside it, a singular taste, unveiled by the reader.*

Keywords: *Enunciation. (Inter)subjectivity. Sintagmatization. Sense.*

⁸⁶ Professora do curso de Letras da Universidade do Vale do Rio dos Sinos- UNISINOS. São Leopoldo, RS, Brasil. vhdm@unisinis.br

⁸⁷ Doutoranda do Programa de Pós-graduação (PPGLA) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos- UNISINOS. São Leopoldo, RS, Brasil. claudiaifsul@gmail.com

⁸⁸ Doutoranda do Programa de Pós-graduação (PPGLA) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos- UNISINOS. São Leopoldo, RS, Brasil. Bolsista CAPES/FAPERGS. joramastein@yahoo.com.br

Considerações iniciais

Este estudo pretende analisar, sob a perspectiva enunciativa, a crônica "O sabor do saber", de Rubem Alves. Para tanto, traçamos um caminho para subsidiar nossa reflexão, subdividido em: I) Pressupostos para uma análise enunciativa do texto; II) A análise do texto: quando os sentidos emergem das sintagmatizações; III) *Re*-considerações.

O questionamento central que embasa nosso estudo é: que efeitos de sentido a sintagmatização promovida pelo locutor⁸⁹ provoca? Esse questionamento é formulado através da reflexão que perpassa as formulações de Benveniste ao longo dos PGL I e II: o locutor, a cada vez que se enuncia, profere uma enunciação sempre única, ou seja, ainda que sejam as mesmas palavras, como “bom-dia”, elas são sempre únicas porque somos únicos a cada vez e única também é toda instância enunciativa. Se esse locutor profere uma enunciação a cada vez única, ele também se imprime com unicidade no que diz. Como bem lembra Flores (2013b), o sujeito advém de cada enunciação, e sua existência não se dá *a priori*, o que acentua a singularidade de cada sujeito.

Nesse contexto, há uma singularidade inerente à escrita que é firmada em cada ato. Essa singularidade advém em cada produção escrita e é por isso que um autor faz-se reconhecer num conjunto de escritas, mas também imprime importantes marcas singulares em cada traçado, que são sempre *re*-significadas⁹⁰ a cada texto porque novos também são os seus leitores⁹¹. Por isso mesmo, conforme Mello (2012), temos um scriptor que sintagmatiza para

⁸⁹ *Locutor* aqui é compreendido como *scripteur*(scriptor), termo usado por Fenoglio(2009) em seus estudos acerca dos manuscritos de Benveniste bem como por outros estudiosos que tratam da gênese textual. Acreditamos que o scriptor é aquele que toma a palavra na escrita, é aquele que escreve. É importante atentar para o fato que todo o autor é um scriptor, mas que nem todo o scriptor é um autor, uma vez que nem sempre a autoria emerge do texto escrito.

⁹⁰ Neste estudo, utilizamos o prefixo *re* com hífen numa tentativa de nos filiar a Benveniste em seu célebre texto “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística” (1963), em que o autor afirma: "a linguagem **reproduz** a realidade. Isso deve entender-se da maneira mais literal: a realidade é **produzida novamente** por intermédio da linguagem." (BENVENISTE, 2005 [1963], p. 26, grifos nossos). O *re*, na passagem citada, está em itálico no original em francês, de acordo com a ideia que perpassa as formulações de Benveniste ao longo de seus textos: a cada enunciação, a linguagem produz sempre de maneira nova a realidade, o que não nos autoriza a atribuir o sentido de mera reprodução à expressão “reproduz”. "Re-significadas", no caso deste estudo, diz respeito, portanto, à significação não só feita novamente, mas sim, aquela que pressupõe uma unicidade. Para maiores detalhes, recomendamos a leitura da dissertação de Aline Juchem (2012).

⁹¹ Consideramos a formulação benvenistiana de que “Toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocução, ela postula um alocutário” (2006[1970], p. 84) para explicitarmos que,

semantizar e que o faz em função de seus leitores. Nesse sentido, sustentamos que estão em jogo sempre novas relações com os “interlocutores” a cada interação, seja ela face a face e facilmente observável, seja ela posterior e, por vezes, em grande parte desconhecida.

Por isso, é tão significativo pensarmos em uma perspectiva de análise na ótica enunciativa. Tracemos a seguir alguns pressupostos para pensá-la.

Pressupostos para uma análise enunciativa do texto

No seu último texto publicado no PLG II, *O aparelho formal da enunciação* (2006[1970]), Benveniste apresenta uma síntese de suas formulações, sendo, portanto, esse um dos textos mais levados em conta ao serem desenvolvidas análises na perspectiva enunciativa. Nele, o célebre linguista deixa uma pista para aqueles que desejam fazer estudos concernentes à escrita em uma perspectiva enunciativa: “Será preciso também distinguir a enunciação falada da escrita. Esta se situa em dois planos: o que escreve se enuncia ao escrever e, no interior de sua escrita, ele faz os indivíduos se enunciarem.” (BENVENISTE, 2006 [1970], p. 90).

Para uma afirmação desse tipo, é impossível não verificar a necessidade de dois movimentos: um de retorno sobre as formulações que o conduziram a tal afirmação e um de abertura para os posteriores estudos relacionados ao texto escrito.

É inevitável que nos embriaguemos da ideia de um de seus primeiros textos *Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística* (2005 [1963], p.26) – “A linguagem *re*-produz a realidade” – e da célebre frase de *A forma e o sentido na linguagem* (2006[1967], p.222) – “bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para *viver*”. Esses aforismos levam-nos a pensar que uma análise enunciativa sob a perspectiva benvenistiana pressupõe uma *re*-invenção no nosso olhar sobre a linguagem. Portanto, propomo-nos a pensar em uma linguística que vá além de uma análise meramente formal, em que seja possível olhar para o processo relacionado à semantização, ou seja, caminhar em direção às formas complexas do discurso. Benveniste elucida essa possibilidade: “amplas perspectivas se abrem para a análise

neste estudo, encaramos “locutor” como aquele que escreve e alocutário como aquele que lê, uma vez que todo escrito tem algum destinatário que é, de alguma forma, marcado pelo scriptor, ainda que esse “tu” não se instancie da mesma forma que a pessoa “eu”.

das formas complexas do discurso, a partir do quadro formal esboçado até aqui.”⁹² (Benveniste, 2006 [1970], p. 90).

O aparelho formal, apresentado por Benveniste e ao qual ele se refere como um ponto de partida para olharmos “formas complexas do discurso”, ganha contornos mais evidentes no artigo *O aparelho formal da enunciação*, ainda que tenha sido delineado ao longo de sua trajetória como linguista. É através do itinerário que ele acaba por propor no texto de 1970, caminho esse elucidado por Flores (2013a) e Mello (2012) no decorrer de seus estudos, que propomos nossa análise. Ela tem, no entanto, inevitavelmente, o nosso olhar sobre as proposições benvenistianas e, assim, percebemos a necessidade de encadarmos algumas formulações de Benveniste, em uma rede de relações, para situarmos o nosso olhar para o texto analisado.

Já é comum entre os pesquisadores que trabalham com os pressupostos benvenistianos um olhar interrogador sobre suas formulações teóricas. Esse olhar toma como ponto de partida a necessidade de relacionarmos alguns conceitos de Benveniste para, a partir daí, construir uma rede que nos permita pensar a escrita com base na teoria da enunciação desse linguista.

Certas de que Benveniste não construiu uma teoria acabada e fechada em si mesma, como bem nos lembra Flores (2013a), e de que as publicações dos PLG I e II não são suficientes para pensarmos a escrita sob a ótica enunciativa, problematizamos alguns conceitos fundamentais para que passemos à análise: enunciação/enunciado; forma/sentido; referência e sintagmatização/transversalidade enunciativa.

No *Aparelho*, Benveniste define enunciação como “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (2006 [1970], p.82) e completa: “é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado que é nosso objeto” (2006, p. 82). Ou seja, é para o ato em si que olhamos e não para a produção acabada. Nesse sentido, olhamos para as marcas deixadas pelo locutor-scriptor e não para o texto enquanto produto acabado.

De acordo com Benveniste, é justamente dando atenção ao sentido, advindo da impressão singular de marcas daquele que produz o escrito, que se encontra a maior complexidade do ato enunciativo. Para proceder a uma investigação dessa natureza, é preciso, portanto, ter em mente a conceitualização de enunciação para o contexto da escrita. Nesse

⁹² Para aprofundar o entendimento das "formas complexas do discurso" em Benveniste, sugerimos a leitura de Flores e Teixeira (2013). Vide referências.

caso, filiamo-nos a Aresi (2013, p. 85), para quem a “enunciação é um FENÔMENO que se manifesta sempre através de ATOS individuais, os quais supõem um PROCESSO de conversão da língua em discurso, facultado por mecanismos da própria língua.”

É, portanto, para o fenômeno que atentaremos e não para o resultado estanque, ou seja, nosso objeto é a própria enunciação, que, por ser evanescente, é acessada, em parte, pelos rastros do scriptor, remanescentes no enunciado. Nesse contexto, problematizamos o conceito de forma e de sentido em Benveniste. Conforme Flores *et al.* (2008), a língua apresenta formas por meio das quais prevê que venha a ser usada, uma vez que o sistema é comum a quem usa a língua. Já o sentido se dá no âmbito do arranjo sintagmático das formas, que será sempre novo a cada ato e dependerá da relação estabelecida entre *eu-tu*.

É válido lembrar que *eu-tu* só existem no ato enunciativo e são sempre únicos em cada ato, constituindo-se como categorias sui-referenciais, que co-constroem a referência na enunciação. É a referência, pois, parte integrante da enunciação. Ao mobilizar a língua dizendo-se *eu*, o locutor a mobiliza inteiramente e é por isso que, conforme Benveniste apresenta no *Aparelho* (1970), o sentido só se concretiza no intentado⁹³, que consiste na "ação" do locutor sobre o interlocutor. Sendo assim, não basta mobilizar *eu-tu*; é preciso mobilizar outras categorias que permitem que a subjetividade seja revelada. “O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e procedimentos acessórios, de outro” (2006 [1970], p. 84).

Os índices específicos são constituídos daquelas categorias que se referem diretamente a *eu-tu* e ao *aqui-agora* pelo discurso, como pronomes pessoais, pronomes demonstrativos ou possessivos, advérbios e verbos pela desinência número-pessoal. Já os procedimentos acessórios dizem respeito a tudo que integra o arranjo sintagmático e que evidencia a constituição do sentido. Nesse caso, não se trata, portanto, de recurso “dispensável”, pois é da sintagmatização que advém a semantização.

Nessa perspectiva, sustentamos que uma análise enunciativa de texto deve focalizar, principalmente, os procedimentos acessórios ao lado dos índices específicos, sempre conjugando forma e sentido, na relação entre os diferentes níveis do texto. Benveniste (2006 [1967], p. 230) embasa nossa posição ao afirmar que o sentido “se realiza formalmente na

língua pela escolha, pelo agenciamento das palavras, por sua organização sintática, pela ação que elas exercem umas sobre as outras.”

Mello e Flores (2009, p. 206) chamam de *transversalidade enunciativa* o mecanismo de inter-relação de forma e sentido entre os níveis. Nesse sentido, a análise feita por eles não aborda a palavra isolada, mas coloca o nível lexical em relação com o nível sintático da enunciação.

A enunciação é transversal à língua, ela não se encerra em um único compartimento [...] Logo, a enunciação é, em nossa perspectiva, sempre transversal e nunca linear. Ela revela uma inter-relação entre os níveis canonicamente considerados pela linguística clássica. Tal transversalidade é muito perceptível na dimensão textual. (MELLO; FLORES, 2009, p. 208)

Mello (2012, p. 68) evidencia, ainda, como se dá a sintaxe da enunciação, citando Lichtenberg (2004, p. 191):

Há uma sintaxe da enunciação que se impõe à língua, há uma sintaxe da língua que sinaliza uma forma compatível com a ideia a ser manifestada. [...] Se há modelos sintáticos a considerar, uma garantia de pertença à língua, a produção de significações objetiva a atribuição de correferência: a linguagem é para viver, um locutor semantiza e, porque **semantiza, sintagmatiza** para um alocutário.

Permitamos, então, que o corpus suscite as interrogações que nos conduzirão à análise das sintagmatizações. Ou seja, que sentidos serão promovidos a partir da convivência das palavras no texto, revelados a partir das relações do encadeamento de uma palavra com as outras? Passemos à análise.

Análise do texto: quando os sentidos emergem das sintagmatizações

Conforme já explicitamos, através dos procedimentos acessórios, podemos analisar de que forma a sintaxe e a semântica estão imbricadas no texto para fazer emergir a subjetividade da linguagem, uma vez que o locutor utiliza o aparato da língua, organizando-o para produzir sentido. Sentido que emerge sempre único em cada instância discursiva.

⁹³Em lugar de “intencionado”, preferimos a palavra “intentado”, pois julgamos que “intencionado” não seja a melhor tradução, uma vez que o termo “inteté” (usado na língua original dos PLG) tem um valor de ação que “intencionado” não possui.

Procederemos à análise textual, focalizando as micro e macrossintagmatizações, ora debruçando-nos de forma mais analítica, ora com um olhar mais voltado para o plano global, sempre com o intuito de imbricar forma e sentido.

É através das sintagmatizações que se evidenciam, a partir do plano analítico, a forma de organização e a relação entre as palavras e que, por sua vez, fazem emergir a semantização, uma vez que a relação forma-sentido está presente nas esferas micro e macrotextuais e, necessariamente, se entrelaçam na construção do sentido do texto. Esse arranjo, sempre singular por parte do locutor, evidencia seu olhar único sobre a realidade, expresso através dos arranjos sintáticos que realiza, dos quais emana a subjetividade. Passemos agora à análise do texto, em que observaremos o jogo das relações que conduzem ao sentido.

O sabor do saber*

Rubem Alves**

2 "A boca fala do que está cheio o coração": esse é um ditado da sabedoria
 3 judaica que se encontra nas escrituras sagradas. Bem que poderia ser a explicação
 4 sumária daquilo que a psicanálise tenta fazer: ouvir o que a boca fala para chegar
 5 ao que o coração sente. Acontece comigo. Cada texto é uma revelação do coração
 6 de quem escreve. Pois o meu coração ficou cheio com uma coisa que me disse
 7 minha neta Camila, de 11 anos. O que ela falou fez meu coração doer. Como
 8 resultado, fico pensando e falando sempre a mesma coisa.
 9 A Camila estava na sala de televisão sozinha, chorando. Fui conversar
 10 com ela para saber o que estava acontecendo. E foi isto que ela me disse: "Vovô,
 11 quando eu vejo uma pessoa sofrendo, eu sofro também. O meu coração fica com
 12 o coração dela".
 13 Percebi que o coração da Camila conhecia aquilo que se chama
 14 "compaixão". Compaixão, no seu sentido etimológico, quer dizer "sofrer com".
 15 Não estou sofrendo, mas vejo uma pessoa sofrer. Aí, eu sofro com ela. Ponho o
 16 outro dentro de mim. Este é o sentido do amor: ter o outro dentro da gente. O
 17 apóstolo Paulo escreveu que posso dar tudo o que tenho aos pobres, mas, se me
 18 faltar o amor, nada serei, porque posso dar com as mãos sem que o coração sinta.
 19 A compaixão é uma maneira de sentir. É dela que brota a ética. Alguém
 20 foi se aconselhar com Santo Agostinho sobre o que fazer numa determinada
 21 situação. Ele respondeu curto e definitivo: "Ama e faze o que quiseres". Pois não
 22 é óbvio? Se tenho compaixão, nada de mau poderei fazer a quem quer que seja.
 23 Fernando Pessoa escreveu um curto poema em que descreve a sua
 24 compaixão. Por favor, leia devagar: "Aquele arbusto fenece, e vai com ele parte
 25 da minha vida. Em tudo quanto olhei fiquei em parte. Com tudo quanto vi, se
 26 passa, passo. Nem distingue a memória do que vi do que fui". Compaixão por um
 arbusto... Ele explica esse mistério da alma humana dizendo que "em tudo quando

27 olhei fiquei em parte. Com tudo quanto vi, se passa, passo...". Os olhos, movidos
28 pela compaixão, o faziam participante da sorte do pequeno arbusto.

29 Eu já sabia disso, mas nunca havia enchido o meu coração a ponto de
30 doer. Doeu porque liguei a fala da Camila a essa tristeza que está acontecendo no
31 Brasil. Os corruptos são homens que passaram pelas escolas, são portadores de
32 muitos saberes. Tendo tantos saberes, o que lhes falta? Falta-lhes compaixão.

33 A falta de compaixão é uma perturbação do olhar. Olhamos, vemos, mas a
34 coisa que vemos fica fora de nós. Vejo os velhos e posso até mesmo escrever uma
35 tese sobre eles, se eu for um professor universitário, mas a tristeza do velho é só
36 dele, não entra em mim. Durmo bem. Nossas florestas vão aos poucos se
37 transformando em desertos, mas isso não me faz sofrer. Não as sinto como uma
38 ferida na minha carne. Vejo crianças mendigando nos semáforos, mas não me
39 sinto uma criança mendigando em um semáforo. Vejo os meus alunos nas salas
40 de aulas, mas meu dever de professor é dar o programa e não sentir o que os meus
41 alunos estão sentindo.

42 De que vale o conhecimento sem compaixão? Todas as atrocidades que
43 caracterizam os nossos tempos foram feitas com a cumplicidade do conhecimento
44 científico. Parece que a inteligência dos maus é mais poderosa que a inteligência
45 dos bons.

46 Sabemos como ensinar saberes. Há muita ciência escrita sobre isso. Não
47 me lembro, no entanto, de nenhum texto pedagógico que se proponha a ensinar a
48 compaixão. Talvez o livrinho "Como Amar uma Criança", do Janusz Korczak,
49 mas Korczak é uma exceção. Ele sabia que, para ensinar algo a uma criança, é
50 preciso amá-la primeiro. Korczak era um romântico. Por isso o amo.

51 Aí, fiz a mim mesmo uma pergunta pedagógica: "Como ensinar a
52 compaixão?" Conversando sobre isso com minha filha Raquel, arquiteta, ela se
53 lembrou de um incidente dos seus primeiros anos de escola, quando ainda era
54 uma menina de sete anos. Seria o aniversário da faxineira, uma mulher que todos
55 amavam. A classe se reuniu para escolher o seu presente. Ganhou por
56 unanimidade que, no dia do seu aniversário, as crianças fariam o seu trabalho de
57 faxina. Disse-me a Raquel que a faxineira chorou.

58 Sei que as crianças aprendem com um olhar especial, o olhar de suas
59 professoras. Elas sabem quando as professoras as olham com os mesmos olhos
60 com os quais Fernando Pessoa olhava o arbusto quando escreveu o poema. Sei
61 também que as histórias provocam compaixão quando o leitor se identifica com
62 um personagem. Sei de um menininho que se pôs a chorar ao final da história "O
63 Patinho que Não Aprendeu a Voar". Ele teve compaixão do patinho. Identificou-
64 se com ele. Vai carregar o patinho dentro de si, embora o patinho não exista.
65 Lemos histórias para as crianças e para nós mesmos não só para ensinar a nossa
66 língua mas também para ensinar a compaixão. Mas continuo perdido. Preciso que
67 vocês me ajudem. Como se pode ensinar a compaixão?
68

*Crônica publicada na Folha de São Paulo, em 27 set. 2005. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/sinapse/sa2709200515.htm>.

**Educador, psicanalista, teólogo e escritor.

Observam-se, no texto, marcas linguísticas por meio das quais o locutor visa a agir sobre o alocutário, a fim de levá-lo a aderir a sua tese. Para embasar seu ponto de vista, o locutor já inicia o texto com uma citação de um ditado da sabedoria judaica: “A boca fala do que está cheio o coração” (linha 1). Ou seja, utiliza-se de um ditado para dar credibilidade ao seu ponto de vista, fazendo parecer que não se trata de mero posicionamento do locutor. Essa credibilidade é reforçada também pela escolha lexical “sabedoria”, de conotação positiva, acrescida de oração adjetiva restritiva: “que se encontra nas escrituras sagradas” (linha 2). Dessa forma, o ditado, além de ser considerado sábio, ainda consta numa referência que possui valor positivo no campo religioso. Observa-se também o intuito do locutor de aproximar-se do alocutário e, para isso, há o emprego de uma marca de oralidade: “bem que poderia ser” (linha 2). Além disso, o locutor utiliza uma locução verbal, cujo auxiliante, em sua relação com o verbo auxiliado, modaliza a proposição: “poderia ser” (linha 2). E, ao modalizar, relativiza a afirmação de que “falar do que está cheio o coração” é o que a psicanálise tenta fazer. Assim, entrelaça a esfera religiosa com a psicanálise, nas quais apoia suas considerações.

Após essa introdução para apresentar seu ponto de vista, embasado, num primeiro momento, em terceiros, com emprego de enunciados mais longos, há uma quebra nessa forma de conduzir o alocutário, com o uso de uma frase simples e curta: “Acontece comigo” (linha 4). Empregando o verbo no presente do indicativo na primeira pessoa, o locutor conduz o alocutário a partilhar com ele sua realidade: a boca do locutor também fala o que seu coração sente. Esse enunciado é seguido de uma proposição assertiva, com valor epistêmico de certeza: “Cada texto é uma revelação do coração de quem escreve” (linhas 4-5). Trata-se de um “eu” que diz como se sente enquanto escreve e explica-se, relatando que seu coração encheu-se a partir do que lhe disse sua neta. Também nesse momento, o emprego de “uma coisa” (linha 5) evidencia uma intenção de aproximar-se do alocutário, ao utilizar uma expressão genérica empregada na linguagem informal: “uma coisa”. Ou seja, a escolha lexical “coisa”, acompanhada do artigo indefinido, causa um efeito de espontaneidade, um emprego usual da oralidade. E, referindo ao que foi dito anteriormente, seu coração revela-se, pois foi tocado pela fala de sua neta, fazendo seu coração doer. Isso evidencia o percurso de seu pensamento: ele experimenta algo (seu coração doeu) e afirma que, conseqüentemente, “fica pensando e falando sempre a mesma coisa” (linha 7). O locutor, com o uso de índices

específicos (pronomes possessivos “meu” e verbo na primeira pessoa do singular) comunga sua experiência com o alocutário.

No início do segundo parágrafo, o emprego do artigo definido “a” (linha 8) diante do substantivo “Camila” (linha 8) indica que Camila é uma pessoa com a qual o locutor tem uma relação próxima. Nesse parágrafo, há o relato que levou o locutor a sensibilizar-se, a encher seu coração. No relato pessoal do enunciador, o emprego de discurso direto dá relevo à intersubjetividade: ao reproduzir as palavras da neta, o locutor leva o alocutário a reviver com ele a cena em que se insere esse discurso.

Ao iniciar o terceiro parágrafo, o locutor se enuncia usando o verbo na primeira pessoa do pretérito perfeito – “percebi” (linha 12) –, novamente um índice específico que aponta para a presença do locutor no discurso. O locutor, ao explicar que a neta conhece o significado de “compaixão”, acrescenta uma explicação sobre o sentido etimológico da palavra: “quer dizer ‘sofrer com’.” (linha 13). Dessa forma, projeta um interlocutor que, possivelmente, não conhece a etimologia dessa palavra e compartilha com ele seu conhecimento de mundo.

Após esse esclarecimento, o locutor também sintagmatiza ao entrelaçar duas orações de um período composto: “Não estou sofrendo, mas vejo uma pessoa sofrer” (linha 14). A articulação que se estabelece entre as duas orações através do conectivo “mas” (linha 14) conduz o alocutário a verificar que a ênfase está na segunda oração, introduzida pelo articulador de argumento forte: “mas”. O período seguinte “Aí eu sofro com ela” (linha 14) apresenta justamente a consequência do fato expresso na oração adversativa.

Para dar continuidade à sua explicação, o locutor utiliza-se de marcas de oralidade, como “aí” (linha 14), “ponho” (linha 14) e “da gente” (linha 15). Além disso, cabe destacar que, em três orações seguidas, há o emprego do verbo “sofrer” de maneira repetitiva, um relevo a esse sentimento: “sofrer com” (linha 13), “estou sofrendo” (linha 14), “sofrer” (linha 14), “sofro” (linha 14). Nas linhas 12 e 13, fica clara a presença do índice específico “eu” com valor de pessoa subvertida: “nós”. Esse “nós” fica ainda mais evidente no emprego de “da gente” (linha 15), cuja escolha extrapola a mera opção por uma maior coloquialidade: o caminho do “eu” para “da gente” indica a intenção de incluir o alocutário: o locutor apropria-se de sua vivência (verbos na primeira pessoa do singular) para chegar ao “tu”, ou seja, ao alocutário. A marca de plural “a gente” evidencia o intuito de inclusão. Feita essa inclusão, o locutor faz referência ao apóstolo Paulo: “O apóstolo Paulo escreveu que posso dar tudo o que

tenho aos pobres, mas, se me faltar amor, nada serei, porque posso dar com as mãos sem que o coração sinta” (linhas 15-17). Ao trazer a reflexão do apóstolo Paulo, o locutor emprega a primeira pessoa, novamente com o valor de “nós”, “a gente”, ainda que os verbos “posso” (linha 16), “tenho” (linha 16) e “serei” (linha 17) estejam conjugados na primeira pessoa e que ocorra o emprego do pronome “me” (linha 16). O enunciador vale-se de índices que remetem à pessoa subjetiva (eu) que, no discurso, assume um sentido mais generalizante, ao incluir o *eu*, o *tu* e a não-pessoa *ele*, uma vez que o dizer do apóstolo inclui todos os seres humanos.

Também a organização sintática das orações “[...] posso dar tudo o que tenho aos pobres, mas, se me faltar o amor, nada serei, porque posso dar com as mãos sem que o coração sinta” revela uma orientação discursiva que visa à adesão do alocutário. O emprego do conector “mas” (linha 16) orienta para o argumento mais forte que vem em seguida: “nada serei” (linha 17). A oração condicional intercalada “se me faltar o amor” (linha 17) expressa a condição que produz a ideia consequente “nada serei”. Ou seja, ratifica-se a tese já apresentada: as ações devem partir do coração, é preciso ter amor.

Cabe ressaltar ainda que, neste parágrafo, a apropriação de um discurso alheio, do apóstolo Paulo, evidencia que a organização sintática produz determinado efeito de sentido, pois o discurso relatado contribui para a sustentação do ponto de vista do locutor. É um argumento de autoridade, é o discurso de outra pessoa que ratifica o que está sendo apresentado ao alocutário. Assim como no início do texto, o locutor respalda sua tese num argumento da religião cristã.

Convém sublinhar que o locutor, ao retomar seu pensamento, reforça a consequência produzida pelas palavras de Camila, exposta no final do primeiro parágrafo: “fico pensando e falando sempre a mesma coisa” (linha 7). Ou seja, acrescentando outros argumentos, o locutor reforça sua posição. Assim, observa-se que a sintagmatização leva à semantização no plano global, à medida que interliga os parágrafos para a formação do sentido global do texto. No enunciado “Este é o sentido do amor: ter o outro dentro da gente” (linha 15), o locutor faz uso de uma estrutura sintática – frase assertiva – por meio da qual intenta agir sobre o alocutário. O locutor somente concebe um sentido para o amor, e o que nos autoriza a afirmar isso é o uso do artigo definido “o”, que funciona como determinante de “sentido”. Ele exprime uma certeza, “sua verdade” que deseja compartilhar com o alocutário.

O quarto parágrafo é introduzido por uma nova asserção: “A compaixão é uma maneira de sentir” (linha 18), mais uma vez, evidenciando a presença do locutor em seu

discurso, que expressa o valor epistêmico da certeza ao definir “compaixão”. Logo após, afirma: ‘É dela que brota a ética’ (linha 18). Novamente, o enunciador se vale de uma asserção, ao apresentar a consequência da compaixão. Vale ressaltar que o substantivo “ética” (linha 18) possui um valor semântico positivo. Portanto, nessas estruturas, embora não haja a presença explícita do “eu”, os arranjos sintáticos constituem as marcas deixadas pelo locutor em seu discurso. Em seguida, o locutor expõe um relato de aconselhamento de “alguém” – pronome indefinido – junto a Santo Agostinho. É pertinente observar que o uso desse pronome indefinido promove o sentido de que não interessa a identidade de quem foi aconselhado por Santo Agostinho, mas qual foi o conselho dado. O conselho de Santo Agostinho – novamente uma figura religiosa – é expresso através do emprego do discurso direto, gerando maior proximidade com o alocutário. Soma-se a esse discurso direto uma interrogação: “Pois não é óbvio?”(linhas 20-21). Essa pergunta retórica não visa suscitar uma resposta do alocutário, uma enunciação de retorno, mas convoca-o a participar da construção do sentido do texto de forma explícita, isto é, a engajar-se na tese proposta. Após essa convocação, o locutor emprega dois verbos na primeira pessoa do singular: “tenho” (linha 21) e “poderei” (linha 21). Esse uso de primeira pessoa, porém, é subvertido, uma vez que não remete unicamente ao locutor, mas tem um sentido mais genérico: eu + tu + eles, referindo-se, portanto às pessoas em geral. Na locução verbal “poderei fazer” (linha 21), cabe destacar que o verbo auxiliante (“poderei”) exprime uma modalização, indicando possibilidade.

Ainda contemplando o sentido de compaixão, no quinto parágrafo, o locutor faz referência a outro discurso de autoridade. Dessa vez, cita o poeta português Fernando Pessoa. No entanto, antes de explicitar os versos do renomado poeta, o locutor expressa o valor deôntico de ordem, empregando o modo imperativo: “leia devagar.” (linha 23) Esse imperativo, contudo, é modalizado através do emprego de “por favor” (linha 23). Essa organização sintática põe em relevo a intersubjetividade e a inter-ação: observa-se um modo de ação do locutor sobre o alocutário. Além desse caráter imperativo, cabe atentar para o pedido em si que é feito ao leitor: ler devagar. Ou seja, algo relevante será expresso a seguir e, por isso, a necessidade de debruçar-se sobre o trecho vagarosamente, para absorver o sentido do que será apresentado – os versos de Fernando Pessoa. Essa opção por referenciar os versos do poeta entrelaça-se com o que já vinha sendo exposto pelo locutor, evidenciando a necessidade de o analista dirigir um olhar para as micro e macrossintagmatizações do texto:

“aquele arbusto fenece, e vai com ele parte de minha vida” (linhas 23-24). Assim como a neta, ao ver alguém sofrer, o poeta sofre também – demonstrando a compaixão. E, nesse momento, o locutor retoma a temática da compaixão: “compaixão por um arbusto...” (linhas 25 e 26).

Cabe enfatizar aqui o emprego das reticências. Essas, assim como o imperativo “leia devagar” (linha 23), convidam o alocutário para uma reflexão, para um olhar mais atento sobre o que está sendo dito e, dessa forma, dão relevo à intersubjetividade, essa tentativa de “dialogicidade” do locutor com seu alocutário. O locutor parte do pressuposto de que ter compaixão por um arbusto possa causar estranheza àquele que lê. Por isso, o emprego das reticências, seguida de uma possibilidade de explicação para a compaixão pelo arbusto, ratificando, desse modo, a possibilidade de estranheza inicial: “Ele explica esse mistério da alma humana” (linha 26). O substantivo “mistério” (linha 26) revela que não se trata de algo necessariamente racional. E a locução adjetiva “da alma humana”, que restringe o substantivo “mistério” argumenta em favor da não racionalidade. Assim, o locutor ressalta que é possível ter compaixão por um arbusto. Afinal, nem sempre se está no campo da racionalidade: há os mistérios da alma.

No início do sexto parágrafo, ao empregar a frase assertiva “Eu já sabia disso” (linha 29), o locutor marca sua convicção acerca do que escreve, enfatizada pelo acréscimo do advérbio temporal “já” (linha 29). Ou seja, sua certeza está sedimentada, não é de agora. É pertinente observar que o pronome anafórico “(d)isso” (linha 29) possibilita a retomada de toda a reflexão realizada anteriormente. Cabe, no entanto, atentar para o percurso que o locutor assume no texto: à asserção “Eu já sabia disso” (linha 29) encadeia-se a oração adversativa “mas nunca havia enchido o meu coração a ponto de doer” (linhas 29-30). O emprego do conectivo “mas” (linha 29) para articular as duas orações deixa claro sobre qual delas o scriptor quer jogar luz: sobre a oração coordenada iniciada pela conjunção adversativa. Explicamos: embora a primeira oração seja de modalidade epistêmica, o emprego de “mas” introduz um posicionamento argumentativo de valor mais forte, cujo conteúdo remonta a algo já referido anteriormente, ou seja, o coração do locutor nunca esteve cheio “a ponto de doer” (linhas 29-30). E esse doer somente acontece, pois o locutor lembra a fala da neta Camila, por isso a oração inicia com a retomada do verbo “doer”, dando maior ênfase a essa sensação. Em seguida, o locutor relaciona a fala da neta a “essa tristeza que está acontecendo no Brasil” (linhas 30-31). O emprego do pronome demonstrativo “essa” (linha 30), no entanto, não deixa claro, num primeiro momento, a que tristeza em específico o locutor se refere. De qualquer

forma, dor se associa à tristeza: “Doeu porque liguei a fala da Camila a essa tristeza que está acontecendo no Brasil” (linhas 30-31). Somente no enunciado seguinte, o locutor esclarece a que tristeza está se referindo: à corrupção brasileira. E complementa: “Os corruptos são homens que passaram pelas escolas, são portadores de muitos saberes” (linhas 31-32). Nesse momento do discurso, emerge um sujeito que sinaliza, que alerta ao leitor sobre algo referente aos corruptos, com o emprego de uma oração relativa restritiva: “que passaram pelas escolas” (linha 31). Ou seja, o sujeito que emerge desse discurso contraria o possível argumento de senso comum de que os que passaram pela escola não seriam corruptos, de que a corrupção seria uma consequência da falta de conhecimento. A semantização que emerge dessa sintagmatização é a de que o conhecimento não é uma condição suficiente para que o ser humano seja incorruptível.

Para dar fechamento à questão posta, o locutor faz uso de uma estrutura sintática interrogativa: “Tendo tantos saberes, o que lhes falta?” (linha 32). É uma pergunta retórica, à qual ele mesmo responde: “Falta-lhes compaixão.” (linha 32). Ou seja, por meio do enunciado interrogativo, o locutor age sobre alocutário, convocando-o a refletir sobre o que está sendo exposto e a aderir a seu posicionamento.

No sétimo parágrafo, o locutor retoma a oração que finaliza o parágrafo anterior, reativando o novo objeto de discurso instalado no sexto parágrafo: falta de compaixão. Ao afirmar que “a falta de compaixão é uma perturbação do olhar” (linha 33), o locutor define esse novo objeto de discurso, expressando um juízo de valor negativo em relação à falta de compaixão, o qual é marcado pelo substantivo “perturbação”. O locutor em seguida utiliza mais um verbo: “vemos” (linha 33), o qual enfatiza o valor semântico da expressão “olhar”, recém empregado. Parece, num primeiro momento, uma redundância ao fazer uso de substantivo e verbos de um mesmo campo semântico: “...olhar. Olhamos, vemos,, vemos.... Vejo...” (linhas 33-34). No entanto, estas escolhas estão a serviço da ênfase, servindo como reforço para a defesa de seu ponto de vista.

É possível notar, a partir da linha 33, que uma sintagmatização a que o locutor recorre insistentemente é a construção adversativa, conforme se observa nos exemplos a seguir:

- “...vemos, mas a coisa que vemos fica fora de nós.” (linhas 33-34);
- “Vejo os velhos..., mas a tristeza do velho é só dele” (linhas 34-36);
- Nossas florestas vão aos poucos se transformando em desertos, mas isso não me faz sofrer.” (linhas 36-37);

– Vejo crianças mendigando nos semáforos, mas não me sinto uma criança mendigando...” (linha 38-39);

– “Vejo os meus alunos nas salas de aula, mas meu dever de professor é dar o programa....” (linhas 39-40).

A repetição da estrutura sintática nesses enunciados produz uma sensação de insistência, de reforço. Além disso, convém ressaltar que há o emprego do mesmo conectivo introduzindo as orações coordenadas: *mas*. Assim, é sobre as orações adversativas que recai a afirmativa de maior ênfase, uma vez que, como já dito anteriormente, o conectivo introduz uma oração de valor argumentativo mais forte. Constata-se, nessas construções adversativas, que, no primeiro enunciado (“Olhamos, vemos, mas a coisa que vemos fica fora de nós”), é usada a primeira pessoa do plural, ao passo que, nos demais, é empregada a primeira pessoa do singular. O uso de “nós” ocorre justamente no primeiro enunciado, em que o locutor traz o substantivo genérico “coisa”, que engloba todas as situações ou cenas que deveriam “fazer doer o coração”. Nas demais construções adversativas, essas “coisas” ou situações são especificadas: a tristeza dos velhos, o desmatamento de nossas florestas, crianças nos semáforos, o sentimento dos alunos. Ao especificar, por meio de exemplos, as situações que deveriam sensibilizar o espectador, o locutor se vale da primeira pessoa. O deslizamento da primeira pessoa do plural para a primeira do singular provoca uma semantização: o locutor traz, inicialmente, qualquer situação que deveria sensibilizar o espectador e, em seguida, traz situações específicas com que cada um pode deparar. O emprego da primeira pessoa do singular, embora seja um uso subvertido (eu = os seres humanos que não têm compaixão), confere um caráter subjetivo a esse universo de pessoas, consideradas uma a uma, como indivíduos. O sujeito que advém dessas sintagmatizações é alguém que constata essa realidade, mas não concorda com a atitude das pessoas que não têm compaixão. Dessa forma, o leitor é convocado a refletir sobre seu comportamento em relação ao sofrimento alheio.

O oitavo parágrafo inicia com uma interrogação: “De que vale o conhecimento sem compaixão?” (linha 42). Numa primeira leitura, parece um convite à participação do alocutário, convocando-o a responder. No entanto, é uma pergunta retórica, pois, por meio dela, o locutor afirma que de nada vale o conhecimento sem compaixão. O argumento seguinte ratifica esse posicionamento: “Todas as atrocidades que caracterizam os nossos tempos foram feitas com a cumplicidade do conhecimento científico” (linhas 42-44). Trata-se, pois, de uma asserção, constituindo a manifestação da presença do locutor. Há, inclusive,

nesta modalidade de caráter epistêmico, uma generalização, expressa pelo pronome indefinido: “Todas as atrocidades” (linha 42), impondo o ponto de vista do locutor, que exclui a possibilidade de que alguma atrocidade tenha sido cometida sem a conivência do conhecimento científico. Ao mesmo tempo que o substantivo “atrocidades” é generalizado (“todas as”), ele é restringido por uma oração relativa (“que caracterizam os nossos tempos”).

Outra escolha lexical que enfatiza o posicionamento do locutor é o uso do substantivo “cumplicidade”. Ou seja, as atrocidades foram cometidas com o apoio do conhecimento científico que, por não estar imbuído de compaixão, não interfere nas atrocidades que são cometidas. Após essas asserções, inicia-se um enunciado que traz um modalizador que relativiza a afirmação de que a inteligência dos maus possui mais poder do que a inteligência dos bons: “parece” (linha 44). No enunciado anterior, o locutor afirma categoricamente que o conhecimento científico é cúmplice das atrocidades e, nesse enunciado menos asseverativo, ele faz referência à inteligência acrescida de uma locução adjetiva “dos maus” (linha 44), que, em sua concepção, supera a inteligência dos bons no que se refere ao poder. A semantização produzida por essa sintagmatização é, portanto, a de que o conhecimento científico que é conivente com as atrocidades é o conhecimento dos maus, que é destituído de compaixão.

Já o nono parágrafo inicia com uma asserção: “sabemos como ensinar saberes” (linha 46). E acrescenta: “Há muita ciência escrita sobre isso” (linha 46). Embora as orações expressem os valores epistêmicos da certeza, se relacionarmos seus conteúdos com o que foi expresso no parágrafo anterior – que questiona o conhecimento sem compaixão –, percebemos a condução do locutor para uma orientação que vem a seguir e que evidencia um desprezo pelo ensino sem compaixão: “Não me lembro, no entanto, de nenhum texto pedagógico que se proponha a ensinar a compaixão” (linhas 46-48). O locutor cita então um autor, Korczak, que “talvez” (linha 48) – modalizador que expressa incerteza – tenha um texto pedagógico que ensine a compaixão. O argumento seguinte (“mas Korczak é uma exceção” – linha 49) é, porém, o argumento que se sobressai, produzindo o sentido de que há uma carência de textos que ensinem a compaixão. A consequência “Por isso o amo” (linha 50), expressa com o uso de um índice específico que remete à primeira pessoa do singular (pessoa subjetiva), revela o estado de espírito do enunciador em relação àqueles que ensinam com compaixão. O décimo parágrafo é introduzido pela expressão “aí” (linha 49), ou seja, uma marca de oralidade. Dessa forma, o locutor intenta dialogar com seu alocutário e acrescenta, ainda em tom de oralidade: “fiz a mim mesmo uma pergunta pedagógica” (linha 51). O

emprego da expressão “fiz a mim mesmo” evidencia uma ênfase diante da pergunta que se faz: “como ensinar a compaixão?” (linha 51). Para responder à indagação que o locutor se faz, ele opta por narrar um fato relatado por sua filha Raquel. Essa narração também é marcada sintaticamente por elementos que denotam o intuito de diálogo com o alocutário. Por exemplo, o emprego do apostrofo “arquiteta” (linha 52). Num primeiro momento, o fato de acrescentar a informação de que a filha é arquiteta parece ser desnecessário. No entanto, o locutor, com essa escolha sintática, permite uma maior aproximação com o alocutário, apresentando-lhe sua filha – Raquel –. O parágrafo de fechamento do texto é um parágrafo enfático ao trazer orações assertivas, expressando a certeza diante do que o locutor apresenta ao alocutário: “Sei que as crianças aprendem com um olhar especial,...” (linha 58), “Sei também que as histórias provocam compaixão...”, “sei de um menininho que se pôs a chorar” (linhas 60-62). Convém ressaltar que as asserções trazem o mesmo verbo: saber. Assim, através da repetição, imprimem maior força àquilo que o locutor busca expressar. Ainda em relação a repetições, o emprego de “olhar” (linha 58), “olham” (linha 59), “olhos” (linha 59) e “olhava” (linha 60) semantiza a relevância do modo de olhar para aquilo que nos cerca: esse olhar deve demonstrar compaixão. O sentimento de compaixão que Fernando Pessoa demonstra em relação a um arbusto é retomado, relacionando-o ao que os educadores deveriam sentir em relação aos alunos.

A sintagmatização, portanto, não se processa somente entre elementos linguísticos adjacentes, mas na globalidade do texto. O locutor, através de escolhas de repetição, de retomada, sintetiza seu ponto de vista. A estratégia de escolha sintática ao final do parágrafo vale um olhar atento. Após todo o percurso que o locutor trilha, conduzindo o alocutário para que este adira à tese defendida, opta pelo emprego do conetivo “mas” (linha 66), introduzindo uma oração de orientação argumentativa forte: “continuo perdido” (linha 66). Essa ruptura no percurso da orientação argumentativa é potencializada mediante a frase de modalidade deôntica que vem logo em seguida: “Preciso que vocês me ajudem” (linhas 66-67). Nesse enunciado, observa-se a intersubjetividade marcada por meio dos índices específicos de primeira pessoa (“preciso” e “me”) e de segunda pessoa (“vocês”). O locutor aproxima-se de seu alocutário e o convoca a engajar-se no discurso. Em seguida, explicita a ajuda de que necessita: “Como se pode ensinar a compaixão?” (linha 67). O locutor se mobiliza para apresentar seu ponto de vista ao alocutário e encerra a reflexão convidando o leitor para continuar refletindo sobre o que foi apresentado. Dessa forma, ao imprimir um caráter

responsivo ao texto, evidencia mais uma vez a importância das escolhas linguísticas feitas ao longo da escrita para envolver aquele que lê. Fica evidente, também, que tais escolhas estão tanto no plano dos índices específicos quanto no dos procedimentos acessórios, acentuando o caráter transversal da enunciação: se a linguagem serve para *viver*, como não mobilizá-la para tocar o meu coração e o do outro?

Re-considerações

Ao voltarmos nosso olhar sobre a análise, vislumbramos o engendramento entre micro e macrossintagmatizações na promoção de determinados efeitos de sentido. Sentido que se concretiza na relação que aquele que escreve estabelece com o que lê. O locutor instaura, no texto, seu alocutário e, mediante um jogo de índices específicos e de procedimentos acessórios, procura falar ao coração daquele que lê. Nessas sintagmatizações, as palavras já não cumprem um papel isoladamente e, muitas vezes, distanciam-se de seu sentido potencial, assumindo sentidos particulares em sua convivência com outras palavras.

Nas micro e macrossintagmatizações, fica evidente a defesa de um ponto de vista: é preciso que se ensine a compaixão. O texto, no entanto, não tem caráter pedagogizante. É traçada uma trajetória que permite imbricar a vida e a experiência do leitor com a daquele que escreve a ponto de que haja um convencimento sem que seja necessária a utilização de argumentos moralistas. O sujeito que emerge de tais sintagmatizações é um sujeito que não concebe a educação como uma mera transmissão de saberes, mas também como uma forma de tornar o homem mais humano, mais sensível em relação às dores alheias. A análise dessas sintagmatizações autoriza-nos a ratificar a afirmação de Benveniste de que a “linguagem serve para viver”, visto que, por meio da linguagem, o locutor fala de “seu mundo” e, ao partilhar esse mundo com o interlocutor, influencia-o a refletir sobre suas atitudes em relação àquilo e àqueles que o cercam.

A alternância do emprego da primeira pessoa do singular e da primeira do plural revela a ligação que a mobilização adequada do quadro figurativo da enunciação pode propiciar: leitor e escritor próximos, partilhando de uma experiência que conduz a uma reflexão: “como ensinar a compaixão?”

É, portanto, pela mobilização e pelo arranjo entre índices específicos e procedimentos acessórios que a (inter)subjetividade é revelada. É fundamental pensar as palavras como

integrantes de uma deliciosa receita, permitindo-nos *re-viver* sabores que só o sentido, que emana de seu arranjo, pode nos propiciar.

Referências

ARESI, Fábio. **Síntese, organização e abertura do pensamento enunciativo de Émile Benveniste**: uma exegese de O aparelho formal da enunciação. Dissertação. Mestrado em Letras. Porto Alegre: UFRGS, 2013. Orientação: Dr. Valdir do Nascimento Flores.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. São Paulo: Pontes, 2005.

_____. **Problemas de Linguística Geral II**. São Paulo: Pontes, 2006.

FENOGLIO, Irène. Déplier l'écriture pour re-lire l'article publié. Les manuscrites de « L'appareil formel de l'énonciation » d'Émile Benveniste. In: BRUNET, Émilie; MAHRER, Rudolf. **Relire Benveniste**: réceptions actuelles des *Problèmes de Linguistique Générale*. Bruxelles: Academia, coll."Sciences du langage: carrefours et points de vue", n° 3, 2011, p. 263-265 ; p. 275-277.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. As perspectivas para o estudo das formas complexas do discurso: atualidades de Émile Benveniste. **ReVEL**, edição especial n. 7, 2013.

FLORES, Valdir do Nascimento et al. **Enunciação e gramática**. São Paulo: Contexto, 2008.

FLORES, Valdir do Nascimento; MELLO, Vera Helena Dentee. Enunciação, texto, gramática e ensino de língua. **Ciências e Letras** (FAPA. Impresso), v. 45, p. 193-218, 2009.

FLORES, Valdir do Nascimento. Semântica da enunciação. In: **Semântica, semânticas**. São Paulo: Contexto, 2013, a.

_____. **Sujeito da enunciação**: singularidade que advém da enunciação. In: *DELTA*, 2013, p.95-120, b.

JUCHEM, A. **Por uma concepção enunciativa da escrita e re-escrita de textos em sala de aula**: os horizontes de um hífen. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2012. Orientação: Dra. Carmem Luci da Costa Silva.

MELLO, Vera Helena Dentee de. **A sintagmatização-semantização**: uma proposta de análise de texto. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2012. Orientação: Dr. Valdir do Nascimento Flores.